

Maquiavel e as Relações Internacionais: tradução aberta, para o português, da palestra “Machiavelli,” de Martin Wight (1959-60).



Machiavelli and the International Relations: Portuguese translation of the lecture “Machiavelli,” by Martin Wight (1959-60).

Maquiavelo y las Relaciones Internacionales: traducción al portugués de la conferencia “Maquiavelo”, de Martin Wight (1959-60).

1. Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais pela Universidade de Évora, em Portugal.
E-mail: dutra@aeroboero.com

Leonardo Dutra¹

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2022v10.n2.p118

Recebido em: 11 de abril de 2022

Aprovado em: 17 de outubro de 2022

RESUMO

As ideias de Martin Wight sobre a ligação da teoria política clássica com o comportamento dos agentes internacionais influenciaram decisivamente as teorias sobre a política internacional. São exemplos deste reflexo a perspectiva construtivista proposta por Alexander Wendt, a proposta de uma sociedade de estados de Hedley Bull, entre outras. O presente artigo oferece alguma das ideias propostas por Wight nos seminários proferidos por ele na *London School of Economics* entre 1959 e 1960 (publicados em forma de livro na edição de Gabriele Wight e Brian Porter em 2005). Os pensamentos de Wight estão presentes neste artigo na forma de uma tradução comentada do primeiro capítulo da obra² deste autor sobre o pensamento e a influência de Maquiavel nas Relações Internacionais. A presente tradução para a língua portuguesa proporciona o acesso ao pensamento de Wight para o público não falante da língua inglesa, contextualiza o pensamento de Wight pela inserção original de comentários explicativos a respeito de assuntos relacionados à década de 1950, bem como, verifica os argumentos do texto de Wight oriundos da obra *Il Principe*, de Maquiavel, escrito em italiano e editado por L. Arthur Burd em 1891.

Palavras-Chave: Teoria Política, Relações Internacionais, Martin Wight, Maquiavel.

ABSTRACT

Martin Wright's thoughts about the influence of the classical Political Theory on the behaviour of the international actors had a strong effect on several

2. WIGHT, Martin. *Four Seminal Thinkers in International Theory: Machiavelli, Grotius, Kant, and Mazzini*. New York: Oxford University Press, 2005, 166 p.

theories about International Relations. Alexander Wendt’s Constructivism and Hedley Bull’s ideas about an International Society are examples of the impact of Wight in the theory of International Relations. This essay presents some of the ideas of Martin Wight that were delivered at the *London School of Economics* between 1959 and 1960. These lectures were registered in form of a book in 2005 (edited by Gabriele Wight and Brian Porter) and a commented translation of the first chapter of this book¹ is the central theme of this essay. The present translation into Portuguese provides access to Wight’s thought for the non-English-speaking public; contextualizes Wight’s thought by the original insertion of explanatory comments on issues related to the 1950s; and verifies the arguments of the Wight’s essay from Machiavelli’s *Il Principe*, written in Italian and edited by L. Arthur Burd in 1891.

Keywords: Political Theory, International Relations, Martin Wight, Machiavelli.

RESUMEN

Los pensamientos de Martin Wright sobre la influencia de la Teoría Política clásica en el comportamiento de los actores internacionales tuvieron un fuerte efecto en varias teorías sobre Relaciones Internacionales. El constructivismo de Alexander Wendt y las ideas de Hedley Bull sobre una sociedad internacional son ejemplos del impacto de Wight en la teoría de las relaciones internacionales. Este ensayo presenta algunas de las ideas de Martin Wight que fueron entregadas en la *London School of Economics* entre 1959 y 1960. Estas conferencias se registraron en forma de libro en 2005 (editado por Gabriele Wight y Brian Porter) y la traducción comentada del primer capítulo de este libro¹ es el tema central de este ensayo. La presente traducción al portugués ofrece acceso al pensamiento de Wight para el público no angloparlante, contextualiza el pensamiento de Wight mediante la inserción original de comentarios explicativos sobre temas relacionados con la década de 1950, así como verifica los argumentos del texto de Wight a respecto del *Il Principe* de Maquiavelo, escrito en italiano y editado por L. Arthur Burd en 1891.

Palabras clave: Teoría Política, Relaciones Internacionales, Martin Wight, Maquiavelo.

Maquiavel

03 de maio de 1469 – 22 de junho de 1527

Introdução³

De toda a obra de Maquiavel apenas uma pequena parte é usualmente conhecida. Pode-se dizer que todos os grandes pensadores transcendem qualquer tipologia, e em Ciências Sociais, generalizações podem ser descritas como um tipo de abstração, de conveniência mental, consequentemente, um conceito irreal.

Tipologias ou generalizações precisam ser contrastadas com o real, com toda a complexidade das pessoas a que se atribui uma teoria e com as suas possíveis contradições. E aparentemente quando um nome passa a ser usado adjetivamente como uma Escola ou uma linha de pensamento, o adjetivo acaba adulterando o pensamento original do titular.

Grócio não era um Grociano, nem Keynes um Keynesiano; Freud não era Freudiano e nem Marx um Marxista. Maquiavel não era simplesmente Maquiavélico⁴. A expressão ‘Maquiavélico’ tornou-se um adágio durante o século XVI significando alguém lisonjeiro, um tipo

3. Na presente tradução comentada da obra de Martin Wight é realizada a conferência dos argumentos oriundos da obra *Il Principe*, de Maquiavel, escrito em italiano (edição de L. Arthur Burd). Ainda, foi realizada a inserção de algumas contextualizações sobre assuntos relacionados à década de 1950 (original neste artigo), referentes à história britânica, entre outras questões. Estas inserções estão identificadas entre [colchetes] no texto.

A presente tradução também contou com a gentil colaboração da tradutora britânica Julie Dutra, que efetuou a revisão do texto com vistas à confirmação do exato significado das ideias originais de Martin Wight.

Por fim, sobre as notas de rodapé, ‘Notas da edição em português’ referem-se às anotações do deste tradutor sobre o texto original publicado em 2005, e ‘Notas da edição em inglês’ referem-se aos comentários dos editores da obra em língua inglesa.

4. Nota da edição em português: Foi utilizada neste ponto a expressão ‘Maquiavélico’ pela real popularidade da palavra como um adjetivo a uma linha de pensamento na língua portuguesa. Entretanto, é importante salientar a intenção de Wight em caracterizar a palavra ‘Maquiavélico’ como um adjetivo a um tipo de perversidade, em contraponto ao adjetivo Maquiaveliano, de pouca popularidade em português, mas que poderia indicar pessoas com um ideal político descrito pela obra de Maquiavel. Para Wight, o que se aproximar da expressão Maquiaveliano, pode ser mais bem descrito em suas três tradições ou categorias políticas: Realismo, Racionalismo e Revolucionismo; respectivamente fazendo referência à Maquiavel, Grócio e Kant, entre outros. Cf. Martin Wight, *Four Seminal Thinkers in International Theory* (Oxford: Oxford University Press, 2005), Anexo I, p.122.

5. Niccolò Machiavelli, *The Prince*, cap. VIII.

Nota adaptada da edição em inglês: Esta citação e as outras subsequentes de *O Príncipe* foram retiradas das notas pessoais de Martin Wight. Em sua maior parte, as citações parecem ter sido livremente adaptadas da Edição da Everyman's Library de 1908 (tradução para o Inglês de W. K. Marriott, Londres: J. M. Dent) embora algumas vezes as palavras pareçam ser claramente de Wight.

Nota da edição em português: Assim como na edição original, as citações foram verificadas no texto original em italiano, editado por L. Arthur Burd com introdução do Lorde Acton, *Il Principe* (Oxford: Clarendon Press, 1891). Para esta citação, cf. Burd. p. 233.

Nota da edição em inglês: Para Wight, 'habilidade política' pode ser caracterizada como *virtù*, uma palavra usada por ele de muitas formas. A expressão é usada frequentemente no sentido de influência, condução, habilidade ou bravura, todavia nesta citação possui conotação de 'virtude moral'. Cf. Quentin Skinner e Russell Price, Ed., *The Prince* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988) p. 31n.

6. Maquiavelli, *The Prince*, cap. XXI, Ev. p. 180, Burd pp. 342-343.

7. *Ibid.*, cap. XXVI, Ev. p. 216, Burd p. 371.

8. Nota da edição em português: Entre 18 e 24 de abril de 1955 reuniram-se na Conferência de Bandung (Indonésia) os líderes de vinte e nove estados afro-asiáticos, quase todos recentemente descolonizados. Cf. Philippe Moreau Defarges, *As Relações Internacionais desde 1945* (Lisboa: Gradiva, 1997), p. 37.

9. Nota da edição em português: Primeira Conferência de Estados Africanos Independentes (1958), Accra (Gana).

10. Nota da edição em inglês: linguagem também utilizada posteriormente a respeito da Guerra Civil Irlandesa, bem como, nos conflitos da Cisjordânia ou Margem Ocidental.

de impostor, uma pessoa sem princípios na política, uma definição para um tipo de assassino sorrateiro, ou para um mestre na diplomacia para se obter o sucesso.

Naturalmente que a origem deste pensamento pode ser encontrada em Maquiavel, mas existe muito mais que isso em seu pensamento. Se Maquiavel pode ser qualificado como Maquiavélico, ele era um 'Maquiavélico plus'. Além disso, é possível apontar uma pequena passagem de sua obra como argumento contrário ao Maquiavelismo popularmente conhecido: "Não se pode chamar de habilidade política [ou *virtù*] a supressão de seus concidadãos, a traição de seus aliados, a deslealdade, a crueldade ou as ações sem nenhum escrúpulo. Métodos como estes podem construir um império, mas não podem conduzir alguém à glória."⁵

Considerando que em linhas gerais uma regra prudente da política do poder é o não-alinhamento com uma grande potência que pode vir a tratá-lo da forma como a Rússia tratou a Romênia em 1878, ou como a Alemanha tratou a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, ou como Stálin tratou a antiga Tchecoslováquia em 1948, contrasta Maquiavel:

"Mas quando um estado [príncipe] declara-se francamente a favor de um dos lados em uma guerra, a tempo de ajudá-lo a vencer, e em uma situação em que o vencedor se torna tão poderoso a ponto deste seu aliado ficar ao seu critério, ele, o estado vencedor, ainda terá uma obrigação para com este comparte, assim como, um laço de respeito. E os homens nunca são tão desonestos a ponto de cometer tal ingratidão oprimindo seu aliado. Além disso, as vitórias nunca são tão absolutas que o vencedor possa não demonstrar consideração ao seu comparte, especialmente com respeito à justiça."⁶

Ainda, um exemplo de um Maquiavel 'não Maquiavélico':

"Que a Itália possa finalmente ver o seu libertador! Não se pode descrever o afeto com que ele seria recebido em todas as províncias que sofreram sob as invasões estrangeiras, com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que devoção, com que lágrimas o receberão. Quem se negaria a abrir-lhe a porta? Quem iria recusar-lhe apoio? Que inveja se oporia à sua ação?... Este domínio bárbaro é abominável para todos nós."⁷

Esta é a linguagem da paixão que, como em Bandung⁸ e Accra⁹ durante a década de 1950, é utilizada com pouco ou nenhum senso de razão por seus agentes.¹⁰

O Método Indutivo

Em sua obra, Maquiavel se absteve do uso do método *a priori* utilizado em seu tempo e o substituiu pelo método indutivo, colocando a sua análise a partir do *ser*, dos fatos, e não de um *dever-ser* ou do que seria um ideal.

"Como minha intenção é escrever algo útil para quem estiver interessado, pareceu-me mais apropriado abordar a verdade efetiva das coisas, e não imaginar o que poderia ser um ideal. Muitos já conceberam estados [repúblicas e principados] jamais vistos, e de cuja existência real nunca se soube. Entretanto, considerando que o modo como vivemos é tão diferente daquele como deveríamos viver, quem despreza o que se faz

e se além ao que deveria ser feito aprenderá a maneira de se arruinar, e não de se preservar.”¹¹

Este ponto salienta uma proposital e decisiva separação do método escolástico, a qual Maquiavel divide o mérito com Guicciardini e Vettori.¹²

O aparecimento do Humanismo Renascentista na política trouxe consigo a suposição fundamental de que ‘o homem é a medida de todas as coisas’. O *Príncipe* de Maquiavel foi a primeira obra sobre política a rejeitar o transcendentalismo até então em costume, e no ensaio *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, ele chega a argumentar que um governante, mesmo que revolucionário, precisa sustentar as aparências das antigas instituições: “Ele precisa fazer isso porque os homens em geral são mais influenciados pelo aspecto das coisas do que pelo que elas realmente são, ou seja, são frequentemente mais afetados pelas aparências do que pela própria realidade.”¹³ Isso é o mesmo que afirmar que as massas seguem ilusões em sua maioria e assim, buscam quimeras como o desarmamento nuclear¹⁴, porém, um governante ao contrário do povo, precisa ser um realista.

O Método Histórico

Apesar da singularidade no uso do método indutivo, não foi a partir dele que Maquiavel autoafirmou sua originalidade. No prefácio da obra *Discursos* ele inicia com uma de suas mais elevadas demonstrações de originalidade, expressando uma das mais sublimes autopercepções de estar fazendo algo realmente novo na história do pensamento político, ao comparar a si próprio a Cristóvão Colombo no descobrimento de um novo continente: “Ainda que, devido à inveja inerente à natureza humana, seja tão perigoso descobrir novos métodos e caminhos quanto partir em busca de novos mares e terras desconhecidas, eu decidi embarcar em uma nova linha de pensamento ainda não explorada por nenhuma outra pessoa.”¹⁵

Este novo caminho traçado por Maquiavel foi registrar pela primeira vez os princípios da política a partir de precedentes históricos. A Antiguidade, escreveu ele, realizou obras com grande distinção nos campos da arte, jurisprudência e medicina; deste modo, estátuas antigas puderam ser copiadas, as decisões de antigos juristas civis foram confirmadas, e antigos experimentos e prescrições médicas foram repetidas, no entanto em política, “não houve nenhum príncipe ou república que conduzisse seu comando a partir de algum exemplo da antiguidade”.¹⁶ Assim, Maquiavel adotou o extraordinário recurso de escrever comentários sobre o historiador romano Tito Lívio. “Estas anotações consistem nas conclusões que eu cheguei comparando eventos antigos com modernos... de modo que as pessoas que as leem possam mais facilmente obter ensinamentos práticos a partir do estudo da história.”¹⁷

Como afirmado por Maquiavel, a História pode ser descrita como um grande celeiro de importantes antecedentes, uma vez que consiste em um mecanismo periódico de recorrências.¹⁸ Os estados são governados por leis predestinadas à ascensão e a decadência, e desta forma, os ensinamentos retirados da experiência política histórica são valiosas lições,

11. *Ibid.*, cap. XV, Ev. p. 121, Burd. pp. 283-284.

12. Francesco Guicciardini (1483-1540), Francesco Vettori (1474-1539), *historia-dores e amigos de Maquiavel*.

13. Maquiavelli, *The Discourses of Niccolò Maquiavelli*, tradução Leslie J. Walker (London: Routledge & Kegan Paul, 1950) livro I, disc. 25, vol. I, p. 272.

14. Nota da edição em português: O texto apresentado por Wight em meados de 1959-60 faz referência ao problema clássico da Guerra Fria nos anos 60 em uma época conhecida como ‘o degelo’ (1953 – 62). O contexto internacional pode ser ilustrado por eventos como a morte de Stalin, o armistício na Coreia em 53, a questão de Suez em 56, a ruptura sino-soviética consumada em 60, a acentuada competição econômica Leste-Oeste, entre outros. Cf. Philippe Moreau Defarges, *As Relações Internacionais desde 1945* (Lisboa: Gradiva, 1997), pp. 25-33.

15. *Ibid.*, livro I, disc. 25, vol. I, p. 205.

16. *Ibid.*, p. 206.

17. *Ibid.*

18. Cf. Herbert Butterfield, *The Statecraft of Machiavelli* (London: G. Bell and Sons Ltd, 1940), pp. 28, 30, 71.

apresentadas como preceitos de uma natureza quase que científica. As diversas situações políticas podem ser classificadas a partir de um número recorrente de problemas que são passíveis de um número de soluções teóricas adequadas. Esta é a característica do método de pensamento dos seguidores de Maquiavel, e como escreveu Bolingbroke, “penso que História é a Filosofia ensinando por meio de exemplos.”¹⁹

19. Cf. Henry St John Viscount Bolingbroke, *Letters on the Study and Use of History* (London: A. Millar, 1752), vol. I p. 15; veja também David Hume, ‘An Inquiry Concerning Human Understanding’, *Essays and Treatises* (Edinburgh: Bell and Bradfute, 1825), vol. II, seção VIII, pp. 83-84; e Machiavelli, *The Discourses*, livro III, disc. 43, vol. I, p. 575.

Crítica Metodológica

A metodologia utilizada por Maquiavel pode ser comparada ao método dedutivo em Kant e em Rousseau e com a combinação do método inicialmente dedutivo e posteriormente indutivo encontrado em Grócio. Maquiavel apresentou um procedimento baseado no método histórico, o mesmo que em Grócio é algumas vezes censurado por seus inúmeros casos de dependência às autoridades sem o emprego de um sentido crítico, contudo, note a importante ressalva anotada por Grócio a respeito de Aristóteles:

Aristóteles merecidamente detém um lugar de destaque entre os filósofos, se tivermos em conta a ordem como ele aborda os assuntos, a sutileza de suas distinções, ou o peso de suas razões. Quem dera que esta superioridade não tivesse sido transformada, alguns séculos atrás, em algum tipo de tirania que fez com que a verdade, que Aristóteles devotou tão fiéis serviços, fosse mais reprimida do que o próprio nome de Aristóteles!

De minha parte... (não juro lealdade a nenhum filósofo) porque... (não existe) seita filosófica alguma que a visão tenha compreendido toda a verdade, assim como, nenhuma que não tenha percebido algum aspecto da verdade...

Nosso objetivo é devotar consideração a Aristóteles, porém, em respeito ao próprio Aristóteles, reservando a mesma liberdade que em sua devoção a verdade ele permitiu reservar a si próprio em consideração aos seus mestres.²⁰

Ou como foi relatado pelo próprio Aristóteles: “*Amicus Plato, sed magis amica veritas.*” (Platão é admirável para mim, porém mais admirável ainda é a verdade).²¹

Contudo, Maquiavel utiliza o método histórico sem sentido crítico. Seus exemplos são retirados de contextos históricos e aplicados em sua forma bruta na política de seu tempo. Maquiavel devotou adoração à Roma e aos seus precedentes. Neste sentido, é possível argumentar que Maquiavélicos na aceção de uma escola de pensamento tendem a não utilizar um senso crítico em sua metodologia: Darwinistas aplicados ao fator social aproveitaram a teoria da evolução da biologia sem nenhum sentido crítico para a ‘luta pela existência’, Freudianos utilizaram a psicanálise de forma metodológica não-crítica para a civilização e seus problemas, e analistas linguísticos aplicam a linguística desprovida de senso crítico na Filosofia Política.

O mesmo instrumento metodológico [foi aplicado] à política internacional, simplificando tal tema: o artifício utilizado por Edward Carr em seu livro *Vinte anos de Crise*, pode ser descrito como pertencente a este

20. Hugo Grotius, ‘Prolegomena to the Law of War and Peace’, *De Jure Belli ac Pacis Vol. II The Translation: On the Law of War and Peace*, tradução de F. W. Kelsey (Oxford: Clarendon Press, 1925), nº 42, 45, pp. 24, 26.

21. Citação atribuída a Aristóteles no original em grego, *The Oxford Dictionary of Quotations*, 3ª edição (London: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1982, nº 12, p. 12).

quadro conceitual, especificamente na antítese entre a utopia e a realidade, vontade própria e determinismo, teoria e prática.²² Contudo, Morgenthau reproduz a falta de sentido crítico na metodologia utilizada por Maquiavel, assim como pode ser caracterizado na Santa Aliança como a forma de garantir a ideologia [do sistema de congresso de Viena], bem como, Castlereagh atuando sozinho pelos interesses nacionais [do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda].²³ Kantianos por outro lado, começam por repudiar qualquer tipo de autoridade ou qualquer metodologia fora dos princípios do pensamento puro, porém, se tornam escravos de livros sagrados: Jacobinos como seguidores dos escritos de Rousseau e os Comunistas como seguidores de Marx.

A Natureza ‘Má’ dos Homens

Partindo dos movimentos cíclicos das sociedades históricas em direção ao comportamento dos indivíduos, Maquiavel argumenta que o homem, isoladamente, tem uma natureza essencialmente má. Existem algumas famosas afirmações sobre este assunto na obra *O Príncipe*: “Porque se pode dizer dos homens em geral, que eles são ingratos, instáveis, falsos, covardes e ambiciosos...”²⁴ E um pouco adiante, “E se os homens fossem totalmente bons, seria desejável confiar neles, mas porque eles são maus, e não confiarão em você, você não deve se sentir obrigado a confiar neles.”²⁵

Ainda, na obra *Discursos*, Maquiavel registra: “Nada é mais frívolo e inconstante do que as massas – *la moltitudine*.”²⁶ E ainda destaca “...como os homens são facilmente corrompidos e transformam sua maneira de ser, por mais bem educado que sejam.”²⁷

Mas parece provável que Maquiavel tenha hesitado nesta formulação, uma vez que a palavra ‘mau’ é usada de diferentes formas. Isto pode ter ocorrido em virtude de ele não estar afastado da discussão sobre a política como um espectador ou um juiz, fazendo avaliações morais como uma simples testemunha, no entanto, Maquiavel está inserido na política em questão, tentando descrever o lado humano e as possibilidades desta política.

Para Maquiavel é inútil fazer julgamentos morais sobre a natureza humana, uma vez que ela é o que é – o elemento supremo da política. A única afirmação significativa a ser feita sobre a natureza humana é o que pode ser arranjado com esta natureza, ou como ela pode ser moldada e manipulada. A seguinte afirmação sobre o assunto foi registrada por um dos modernos seguidores de Maquiavel, James Burnham, usando para isso a expressão ‘tragédia’:

Haverá aqueles que encontrarão nesta tese (que o capitalismo irá mudar para uma sociedade gerencial) uma revigorada prova para o que eles irão chamar de tragédia essencial da situação humana. Entretanto eu não vejo como este significado da situação humana em sua totalidade pode ser chamado de trágico ou cômico. A comédia e a tragédia ocorrem apenas interiormente às circunstâncias humanas. Não existe contexto que consiga analisar estas circunstâncias como um todo, pois a situação humana é meramente como é.²⁸

22. E. H. Carr, *The Twenty Years' Crisis 1919-1939* (London: Macmillan & Co., 1939).

23. Nota da edição em português: O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda foi um estado monárquico criado em 1801 a partir de outros dois reinos: Reino da Grã-Bretanha (formado pela fusão anterior entre os reinos da Escócia e da Inglaterra em 1707) e o Reino da Irlanda. Esta formação terminou com a independência do Estado Livre Irlandês em 1922.

24. *The Prince*, cap. XVII, Ev. p. 134, Burd p. 292.

25. *Ibid.*, cap. XVIII, Ev. p. 142, Burd p. 303.

26. *The Discourses*, livro I, disc. 58, vol. I, p. 341.

27. *Ibid.*, p. 310.

28. James Burnham, *The Managerial Revolution* (London: Putnam, 1942), p. 271.

Comparando com Oakeshott como publicado no *Cambridge Journal*,
A vida humana não é trágica, mesmo se considerada em seu todo ou em partes; a tragédia pertence às artes e não à vida.”²⁹

29. M. J. Oakeshott, 'Scientific Politics',
Cambridge Journal, vol. 1, nº 6 (1948),
p. 356.

Amor-Próprio, Interesse Pessoal e a Luta pelo Poder

Uma importante passagem de *Discursos* de Maquiavel aponta a existência de um núcleo para a política:

...sempre que não houver motivos para os homens lutarem, eles lutarão em decorrência de sua ambição; e tão poderosa é a influência que a ambição exerce sobre o coração humano que eles nunca desistiram de lutar, não importando quão alto eles já tenham chegado. A razão disso é que a natureza tem constituído homens que, embora todas as coisas sejam objetos de desejo, nem todas elas são alcançáveis, e então estes desejos sempre excedem o poder de realização pessoal, resultando que os homens estão sempre insatisfeitos com o que possuem... Daí surge às vicissitudes da fortuna dos homens, pois, tendo em conta que alguns possuem desejo de terem cada vez mais, assim como, outros têm medo de perder o que já possuem, hostilidades e guerras são iniciadas resultando na ruína de uma província e na exaltação dos seus rivais.³⁰

30. *The Discourses*, livro I, disc. 37, vol. I, p. 295.

Curiosamente, o argumento aqui é muito parecido com o utilizado por Thomas Hobbes em sua obra *Leviatã*:

A Felicidade é composta da progressão contínua do desejo de um objeto para outro... De modo que em primeiro lugar, sustento como uma inclinação geral de toda a humanidade um perpétuo e apreensivo desejo de poder, que se extingue somente com a morte. Isto não ocorre porque os homens sempre desejam deleites cada vez mais intensos do que já alcançaram ou por serem incapazes de se satisfazer com um poder moderado, isso ocorre porque os homens não podem garantir uma quantidade de poder suficiente para viver bem, tendo em conta o que eles têm no presente, sem a aquisição de mais poder. Disso resulta que reis, que possuem um poder maior que os outros homens, agem para garantir seu domínio dentro de seus reinados por meio de leis, ou em solo estrangeiro, por meio de guerras.³¹

31. Thomas Hobbes, *Leviathan*, Ed. Michael Oakeshott (Oxford: Basil Blackwell, 1946), pp. 63, 64.

Assim, os homens atacam outros homens e estados despojam estados: “Os homens, como costumava dizer o Rei Fernando, comparando-os com algumas pequenas aves de rapina, possuem um desejo tão forte de capturar a presa a ponto de a natureza sempre estimulá-los a prosseguir. Não percebendo com isso outras aves ainda maiores que eles, pairando sobre suas cabeças, prontas para atacar e matar.”³²

32. *The Discourses*, livro I, disc. 40, vol. I, p. 309.

Esta passagem pode ser comparada com o postulado Grociano da sociabilidade do homem. Embora Grócio surpreendentemente nunca tenha mencionado Maquiavel, é possível que ele estivesse com ele em mente ao argumentar contra Carnéades (215-129 a.C.) e em outra situação contra Gabriel Vásquez, (1551-1604). Vásquez afirmou que o homem deseja a segurança do estado como seu próprio interesse, cada um colocando seu bem-estar acima do conjunto dos homens, no entanto, argumenta Grócio:

Desejamos a partir de nossos próprios interesses, e sobre a segurança do nosso estado, não a desejamos meramente por motivos próprios,

mas também para o bem dos outros... (alguns argumentam que a amizade tem origem só nas necessidades, no entanto) somos levados espontaneamente pela nossa própria natureza às amizades. A consideração aos outros frequentemente me adverte, ou às vezes até me conduz a depositar os interesses de todos acima dos meus próprios interesses individuais.³³

Ele ainda sustenta que a maioria das pessoas estaria mais satisfeita evitando um desastre para o seu país do que para si mesma, e que a maior parte dos homens, se tivessem escolha, iria preferir perder seus próprios lares a mantê-los pelo preço de uma catástrofe geral.³⁴

Para Grócio, o altruísmo é um impulso autônomo da natureza humana, o que para Maquiavel, tem o significado de um amor-próprio projetado em outras situações. Para os seguidores de uma Teoria Utilitarista (J. S. Mill) o altruísmo é o amor-próprio inteligentemente expandido.³⁵

A Primazia da Contradição

Subjacente a discussão sobre uma visão política a partir da luta pelo poder, existe um assunto pertencente à Filosofia pura que pode ser caracterizado por dois níveis distintos: o primeiro está relacionado ao critério negativo – e logo não positivo da política. Como exemplo, é possível fazer um questionamento sobre uma definição de ‘segurança’. Maquiavélicos afirmarão que a experiência essencial da política internacional é a insegurança, ou seja, dirão que não existe de fato uma condição de ‘segurança’, mas somente diferentes níveis de insegurança. Logo, definem ‘segurança’ em relação aos eventos de insegurança e a partir da relativa ausência de insegurança. De forma parecida, ‘paz’ pode ser definida somente em relação à guerra, ‘bom’ em relação ao ‘mau’, e a satisfação em relação à frustração. Na ficção, James Bond argumenta que a boa vida de um cidadão pacato e patriótico possui forma e significado somente se comparada aos bandidos internacionais que ele persegue. Na trama após ter matado ‘Le Chiffre’ – o agente comunista e mafioso francês, James Bond reflete: “Em sua existência maldosa que tolamente eu ajudei a destruir, [Le Chiffre] criou um modelo de maldade, pelo qual, e somente em razão do qual um arquétipo oposto de bondade pôde existir.”³⁶

Por esta perspectiva, os critérios e as normas possuem um caráter negativo, e ainda neste padrão lógico, podemos usar um conhecido exemplo de um louco, que bate em sua própria cabeça com um bastão acreditando que isso servirá como um alívio quando ele parar de bater.

No entanto, existe um nível mais profundo de pura metafísica no que tange a este assunto: ‘A Primazia da Contradição’. Qual seria a natureza derradeira das coisas? Qual seria a essência do universo? Aparentemente Pitágoras manifestou a seguinte resposta: harmonia, melodia, e ritmo – ou números, pela razão que os números misteriosamente refletem a mais profunda harmonia da natureza. Contudo, isso é uma filosofia religiosa, e se a pergunta acima for respondida pela palavra ‘Deus’, estaríamos comprometidos com a harmonia como a realidade última das coisas. Também, se a resposta fosse harmonia, então por que tudo cresce, modifica e decresce? Mexe, colide e conflita? Por que não existe uma estabilidade perpétua e inalterada?

33. Hugo Grotius, *On the Law of War and Peace*, livro II, cap. I. ix, p. 177.

34. *Ibid.*

35. John Stuart Mill, *Utilitarianism, Liberty, and Representative Government* (London: Dent, 1929), pp. 47-48.

36. Ian Fleming, *Casino Royale* (London: Pan, 1955) p. 145.

Heráclito, aproximadamente uma geração antes de Pitágoras, apresentou outra resposta: A essência das coisas é a mudança, o movimento e o fluxo. Parecem existir duas principais ideias para Heráclito: em primeiro lugar que “Πάντα ῥεῖ καὶ οὐδὲν μένει” (A única coisa que não muda é que tudo muda).³⁷ Não se pode pisar duas vezes nas mesmas águas de um rio. (Como seria possível pisar uma vez no mesmo rio? Pois, ele muda a cada instante. Como é possível ter conhecimento sobre alguma coisa) [já que tudo muda]. Questão abordada por Platão, aluno de um aluno de Heráclito.³⁸

A segunda ideia de Heráclito é o conflito e a tensão mútua. Sob esta perspectiva tudo é um campo de batalha composto de forças opostas – caracterizado fundamentalmente por uma instabilidade – e desta forma, há apenas uma estabilidade relativa quando é formada uma balança de poderes opostos, ou seja, “a guerra é a mãe de todas as coisas.”³⁹ Tradicionalmente Heráclito era conhecido como um filósofo ‘choroso’ em decorrência de sempre encontrar uma razão emotiva para a vida humana.

Mas o que isso tudo tem a ver com Maquiavel? Nada: Maquiavel não era um metafísico, apesar disso, alguns de seus seguidores abordaram o assunto em questão. Neste sentido, Hegel pode ser metaforicamente descrito como uma ‘grande estação de trem’ da filosofia política, aonde a linha principal vinda de Maquiavel encontra os trilhos de Kant, partindo daí apenas um caminho conjunto advindo destas duas origens.

Nesta metáfora, nem todos que vem de Kant passam por Hegel, bem como, nem todos que partem de Maquiavel o fazem, mas a estação principal que junta estas duas linhas – Hegel, possui um tráfico fantásticamente alto.

Na obra *Science of Logic*⁴⁰ Hegel trabalha com a teoria da contradição: é um preconceito da imaginação ordinária que a contradição tenha menos essência e imanência do que a identidade, mas de qualquer forma, “a contradição [em disposição de essência e imanência] deve ser entendida como a mais profunda e essencial”. Porque identidade só determina o ‘imediate e simples’ ou o ‘Ser-morto’, “enquanto a contradição é a raiz de todo o movimento e vida, o que existe somente na medida em que contém a contradição de que tudo muda e possui impulso e atividade.”⁴¹

Esta ideia fascinou revolucionários do século XIX, como Ferdinand Lassalle (1825 – 1864), filho de um comerciante Judeu na Breslávia.⁴² Edmund Wilson o descreveu da seguinte forma:

(Na) Universidade de Berlin, ele saturou a si próprio com Hegel, a ponto de se levantar às quatro da manhã para ler suas obras, (e então) foi levado pelo sentimento de que ele estava se realizando com a Ideia Hegeliana do Mundo dos Espíritos. “Através da filosofia”, ele escreveu para seu pai, “Eu me tornei a razão autocompreendida, ou seja, Deus consciente de si mesmo.”⁴³

Ele passou anos escrevendo um livro sobre Heráclito (publicado em 1858), a quem ele entendeu ser o precursor de Hegel. Lassalle fundou a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães em 1863, tratou Bismarck como principal alvo de uma grande potência rival e ainda foi precursor do fascismo. Ferdinand Lassalle morreu em um duelo no ano de 1864.⁴⁴

Outra figura igualmente intoxicada pelas ideias de Hegel foi Mikhail Bakúnin (1814-1876). Ele foi para Berlim procurando provar atra-

37. Citado por Platão em *Cratylus* (402a) *The Oxford Dictionary of Quotations*, 3ª ed. (London: Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1982, n. 5p. 246.

38. Cf. Clement C. J. Webb, *A History of Philosophy* (London: Thornton Butte-rworth Ltd, 1937), pp. 16-17.

39. Benjamin Farrington, *Greek Science* (London: Penguin Books, 1949), vol. I, pp. 35ff.

40. Nota da edição em português: A obra *Science of Logic* (Ciência da Lógica) foi publicada originalmente em duas partes no idioma alemão. A primeira em 1812 sob o título *Die objektive Logik*, e a segunda em 1816 como *Die Subjektive Logik*, formando posteriormente a obra *Wissenschaft der Logik* (Ciência da Lógica).

41. Friedrich Hegel, *Science of Logic*, tr. W. H. Johnston and L. G. Struthers (London: George Allen and Unwin Ltd, 1929), vol. II, p. 67.

42. Nota da edição em português: Breslávia é uma cidade da Polônia, conhecida como Wrocław em Polonês

43. Edmund Wilson, *To the Finland Station* (London: Martin Secker and Warburg Ltd, 1941), p. 233.

44. Veja também Isaiah Berlin, *Karl Marx* (London: Thornton Butterworth Ltd, 1939), pp. 188-9.

vés da dialética a primazia do negativo sobre o positivo. Bakúnin finalizou um famoso ensaio para um periódico Hegeliano no ano de 1841: “Deixe-nos colocar a nossa confiança, por este motivo, no espírito eterno que quebra e destrói somente porque é a incomensurável e a eterna fonte criativa de tudo o que vive. O desejo de destruir é propriamente um desejo criativo.”⁴⁵ Bakúnin teve visões da conflagração em êxtase: “toda a Europa, incluindo São Petersburgo, Paris e Londres, transformada em uma enorme montanha de lixo.”⁴⁶

Herzen registrou uma história de Bakúnin em uma de suas viagens de Paris para Praga, onde ele se deparou com a Revolta dos Camponeses Alemães que andavam em volta de um castelo fazendo muito barulho sem saber exatamente como agir. Bakúnin saiu de sua carruagem sem desperdiçar seu tempo fazendo perguntas, e prontamente enfileirou os revoltosos (ele tinha sido um oficial de artilharia na Rússia), que acabaram por colocar fogo nos quatro cantos do castelo. Então, Bakúnin seguiu sua viagem,⁴⁷ o que foi literalmente um gesto de soberba aos moldes de Heráclito.

Bakúnin ainda se desentendeu com Marx sobre o controle da Primeira Internacional Socialista. E igualmente, o sucesso da Comuna de Paris de 1871 vislumbrou Bakúnin: Ele entrou em passos rápidos na sala do grupo... bateu na mesa com seu bastão e gritou: “Bem meus amigos, Tulherias está em chamas. Bebidas por minha conta para todos!”⁴⁸

Em seus últimos dias na Itália, velho e doente durante o ano de 1876, um amigo tocou Beethoven para ele. “Tudo passará, e o mundo perecerá, mas a Nona Sinfonia irá permanecer.”⁴⁹

Talvez isso seja somente uma expressão da primazia da harmonia e do revolucionismo romântico. No entanto, “Bakúnin se diferencia de Marx assim como a poesia se diferencia da prosa.”⁵⁰

Quando Proudhon (1809 – 1865) publicou sua ‘Filosofia da Miséria’ (*La Philosophie de la Misère*) oferecida à Marx, ele [Marx] pensou que o socialismo burguês poderia ser perigoso: “Não refutar os erros é o mesmo que encorajar a imoralidade intelectual.”⁵¹ Marx redigiu um grande ataque à Proudhon: a ‘Miséria da Filosofia’ (1847), que foi a primeira exposição da filosofia Marxista ao mesmo tempo que “o mais amargo ataque de um pensador sobre outro desde as celebradas polêmicas do Renascimento.”⁵²

Esta situação ainda é imensamente engraçada, uma vez que Marx estava preocupado em mostrar que Proudhon não entendia exatamente a dialética Hegeliana. Proudhon compreendia a questão como a luta entre bem e o mal, formulando a seguinte problemática: preserve o lado bom e elimine o mal.

Entretanto, disse Marx, desta forma o processo dialético teria o seu fim. “O que constitui o processo dialético é a coexistência de dois lados contraditórios, os quais se conflitam e se fundem em uma nova categoria. As muitas formulações deste problema, a partir do entendimento de que um lado pode eliminar o outro lado, destrói o processo dialético.”⁵³

Isto sugere a primazia da contradição. “O progresso genuíno não é constituído pelo triunfo de um lado sobre a ruína do outro lado, mas devido à luta propriamente dita, que acaba resultando necessariamente na destruição de ambos os lados.”⁵⁴

45. Mikhail Bakúnin in Gustav A. Wetter, *Dialectical Materialism*, tr. Peter Heath (London: Routledge & Kegan Paul, 1958), pp. 335-336.

46. Wilson, *To the Finland Station*, p. 267.

47. *Ibid.*

48. *Ibid.*, p. 281.

49. *Ibid.*, p. 283.

50. Isaiah Berlin, *Karl Marx*, p. 105.

51. Karl Marx in Isaiah Berlin, *Karl Marx*, p. 113.

52. *Ibid.*, p. 113; veja também Wilson, *To the Finland Station*, p. 115.

53. Karl Marx, ‘The Poverty of Philosophy’, in Emile Burns, ed., *A Handbook of Marxism* (London: Victor Gollancz Ltd, 1935), p.358.

54. Berlin, *Karl Marx*, p. 113.

Nos estudos Filosóficos de Lênin durante a Primeira Guerra Mundial no período em que ele permaneceu na Suíça, bem como, em suas 'Anotações Filosóficas' publicadas em 1933, existem passagens de Hegel, Feuerbach, Lassalle sobre Heráclito, e Aristóteles.⁵⁵

55. Cf. Wetter, *Dialectical Materialism*, p. 119.

No texto, Lênin cita uma passagem de *Science of Logic* de Hegel, colocando pesadas anotações à margem do texto e sublinhando a referência da contradição como a fonte de todos os movimentos.⁵⁶

56. *Ibid.*, p. 335.

Isso foi necessário para o materialismo de Lênin. A metafísica compreende o movimento como um elemento oriundo de um impulso exterior, o que implica na existência de uma causa primeira [anterior]. Lênin afirmou que esta questão possui movimento próprio e que uma real contradição é inerente às coisas: "A dialética em sentido próprio é o estudo da contradição na natureza dos acontecimentos como eles são."⁵⁷

57. V. I. Lenin, 'Philosophical Notebooks' in Wetter, *Dialectical Materialism*, p. 146.

No entanto, Hegelianos e Marxistas não são os únicos descendentes de Maquiavel, e a doutrina da primazia da contradição, que é a contrapartida metafísica da doutrina política da luta pelo poder, pode ser verificada em sua forma crua no niilismo das rapsódias bárbaras do Fascismo e do Nazismo. (Que talvez representem a aproximação do revolucionismo kantiano com um Maquiavelismo passional).

Mas para o Marxismo a primazia da contradição é conscientemente percebida como um princípio básico, o que ilustra em um nível metafísico a tenacidade e a flexibilidade da Teoria Marxista.

O Poder como Antecedente às Leis, aos Costumes e à Justiça.....

Maquiavel argumenta que a maldade da natureza humana, a insensatez da população, e a tendência das sociedades a se degenerar podem ser reguladas ou até controladas em certos níveis através das leis, as quais uma vez estabelecidas, perduram em virtude de provocarem a imitação nos homens

...os homens nunca fazem o bem a menos que a necessidade os conduza para isso; mas quanto eles são livres para escolher e podem fazer tudo o que querem a confusão e a desordem se instala excessivamente em todos os lugares. Consequentemente, é dito que a fome e a pobreza fazem os homens trabalharem, assim como, as leis os fazem bons... e quando estes bons costumes se desmembram, as leis... se tornam necessárias.⁵⁸

58. *The Discourses*, livro I, disc. 3, vol. I, p. 217.

Neste ponto aparentemente os costumes são anteriores às leis, contudo, costumes e leis não são propriamente distintos: "as leis são necessárias apenas para a manutenção dos bons costumes, logo, se as leis existem para serem observadas, elas necessitam dos bons costumes."⁵⁹ Além disso, elas pressupõem algum poder:

59. *Ibid.*, livro I, disc. 18, vol. I, p. 258.

Os principais pilares de todos os estados... são boas leis e boas armas; e como não pode haver boas leis onde o estado não está bem armado, segue que onde os estados estão bem armados eles possuem boas leis. Eu deixarei de lado a discussão sobre leis e vou começar a falar das armas.⁶⁰ A segurança de todos os estados está baseada na boa disciplina militar, e... onde esta disciplina não existe, não podem existir boas leis ou nada que possa ser bom.⁶¹

60. *The Prince*, cap. XII, Ev. p. 97, Burd pp. 253-255.

61. *The Discourses*, livro III, disc. 31, vol. I, p. 551.

Desta forma, o entendimento de Maquiavel sobre a origem da noção de justiça é puramente político. No início, quando os homens eram

poucos, eles viviam espalhados; quando eles se multiplicaram, com vistas a se defenderem melhor, eles “começaram a procurar um homem mais forte e mais corajoso que o resto deles, fizeram deste homem seu líder, e passaram a obedecê-lo.

E então os homens aprenderam a distinguir o que é honesto e bom daquilo que é perverso. Assistir alguém ferir seu benfeitor provocou ódio e simpatia nos homens, uma vez que eles viram que as mesmas injúrias colocadas contra seu benfeitor poderiam ter sido feitas para eles próprios, e desta forma, leis e formas de punição foram desenvolvidas. “A noção de justiça passou a existir.”⁶²

Isto é a repetição da ideia de Políbio e igualmente é muito Hobbesiano: “antes que os nomes dos justos e injustos possam existir, deve haver algum poder coercitivo capaz de obrigar os homens... para a execução de seus pactos.”⁶³

É ainda possível fazer uma comparação com Edward Carr em seu capítulo sobre o estabelecimento das leis no livro *Vinte anos de Crise*. Após a superficial abordagem sobre o naturalismo contra a Teoria Realista, Carr propõe uma síntese – novamente uma expressão da Teoria Realista:

O Direito Internacional é uma função da comunidade política das nações, e a lei existe em função de uma ordem política dada. Antes de todas as leis há um imprescindível pano de fundo político, e a derradeira autoridade das leis deriva da política. Desta forma, qualquer ordem moral derivada do cenário internacional precisa estar baseada em alguma hegemonia de poder.⁶⁴

De maneira semelhante Hans J. Morgenthau em seu livro *In Defense of the National Interest* escreveu: “existe uma profunda e negligenciada verdade escondida em um ditado extremo de Hobbes, de que os estados criam a moralidade da mesma forma que as leis, logo, não existem nem leis nem moral exterior ao estado.”⁶⁵ Já na obra *Dilemmas of Politics* ele modifica este comentário, e recua devido a crítica:⁶⁶

Reverendo o assunto no periódico *International Affairs*, escrevi que em seu primeiro livro Morgenthau aprovou a doutrina Hobbesiana.⁶⁷ Ele então revidou escrevendo que não aprovara tal teoria: Morgenthau chamou tal afirmativa de ‘ditado extremo’, ou seja, colocou o peso de sua própria explicação na palavra ‘extremo’ ao contrário de ‘profunda e negligenciada verdade’.

Segue que um Maquiavelismo mais sofisticado pode em alguns casos admitir a existência de valores morais, contudo, irá compreender tais valores como relativos à própria natureza destes valores.

A moralidade é referente à natureza da segurança. Isto não é exatamente a sobreposição do poder, como dito por Grócio, no entanto, significa que o poder permite o aparecimento até mesmo da moralidade.

É possível ainda fazer uma comparação do assunto com a expressão clássica do princípio básico do materialismo talhado por Karl Marx: “Não é a consciência do homem que determina a sua existência, mas ao contrário, é a sua existência social que determina a sua consciência.”⁶⁸

Neste caso, se a Grã-Bretanha tivesse sido Grociana, seria unicamente devido a um incorrigível senso de segurança ou falta de temor. Pela ausência de uma fronteira continental e pela razão de nunca ter sido

62. *Ibid.*, livro I, disc. 2, vol. I, pp. 212-213.

63. Hobbes, *Leviathan*, p. 94.

64. Carr, *The Twenty Years' Crisis*, pp. 228, 229, 231 e 213.

65. Hans. J. Morgenthau, *In Defense of the National Interest* (New York: Alfred J. Knopf, 1951), p.34.

66. Hans. J. Morgenthau, *Dilemmas of Politics* (Chicago: University of Chicago Press, 1958), pp. 81-83.

67. Martin Wight, ‘Philosophy and Politics’, *International Affairs*, vol. 35, nº 2 (Abril de 1959), pp. 199-200.

68. Marx, ‘A Contribution to “the Critique of Political Economy”’, 1859, in *A Handbook of Marxism*, p. 372; veja também Wetter, *Dialectical Materialism*, p. 32.

69. Neville Chamberlain em discurso na Casa dos Comuns, 22 de fevereiro de 1938, *Hansard's Parliamentary Debates*, vol. 332, col. 223.

70. Rebecca West, *Black Lamb and Grey Falcon* (New York: The Viking Press, 1944), p. 883.

71. Thucydides, *History of the Peloponnesian War*, tr. Charles Forster Smith (London: W. Heinemann Ltd, 1953), livro iii, cap. LXXXII, Loeb vol. ii, p. 143.

72. Nota da edição em português: A informalidade da sentença neste caso deve-se ao texto fazer referência a um seminário proferido por Wight, assim como o restante do livro.

73. Nota da edição em português: Wight faz referência à obra *Otelo, o Mouro de Veneza* (originalmente *Othello, the Moor of Venice*) de William Shakespeare, escrita por volta do ano 1603. A história gira em torno de quatro personagens: Otelo (um general mouro que serve o reino de Veneza), sua esposa Desdêmona, e outros dois militares, Cássio e Iago; abordando uma variedade de temas, como racismo, amor, ciúme e traição.

invadida desde que a Inglaterra se tornou uma nação, Chamberlain pôde dizer: “É possível uma grande nação fazer o que um país pequeno ou fraco não pode sempre se permitir fazer – mostrar nobreza.”⁶⁹

Ainda, como observou Rebecca West: “... negociação é uma arte segura de ser praticada somente em anos de abundância, quando existe um excesso que pode ser confortavelmente barganhado pela participação dos elementos envolvidos. Em tempos de pobreza uma nação deve estabelecer as condições necessárias para sua própria preservação, e assim, aniquilar todos que não outorguem tais condições.”⁷⁰

Esta passagem retoma Tucídides: “...durante a paz e a prosperidade, estados e indivíduos possuem sentimentos suaves porque os homens não são forçados a aguentar condições de terrível necessidade, no entanto, durante a guerra, que rouba dos homens o fácil fornecimento de suas necessidades diárias, é criado na maioria das pessoas um temperamento que corresponde a tais situações, logo, a guerra pode ser caracterizada como rígido professor.”⁷¹

Aparentemente a verdade existencial deste assunto parece ser a grande dificuldade que a análise Grociana tem em interpretar a política internacional, especialmente no contexto da guerra nuclear. O que levanta a questão: Grocianos podem apenas resguardar seus princípios se abandonarem seu tradicional campo de batalha e retirarem-se para as vizinhanças de Gandhi?

A Causalidade na Complexidade Política

A mais profunda compreensão que fundamenta a Filosofia Maquiavélica é o ‘senso de proporção’. Isso corresponde ao que para os Grocianos é a percepção da complexidade moral na política. Porém, não se incomode com o assunto, e de qualquer forma, também não me incomode com isso.⁷² Maquiavel aparentemente fala sobre a problemática da atribuição de responsabilidade moral na política, porém, considera apenas uma desmedida complexidade para este assunto: as múltiplas causas, as correntes cruzadas, os acidentes, os resultados não intencionais e as ironias da política – os desvios. Note que ele ainda sustenta o argumento sobre a quantidade de linhas de causalidade que convergem para a produção de um simples resultado, e como um simples evento ou ato irá irradiar, produzindo resultados divergentes. Maquiavel fala de como os homens pretendem atingir um efeito e produzem um resultado oposto, e como o mesmo ato, em circunstâncias diferentes, irá produzir muitos efeitos diferentes. Este é o cenário especial da vida política que se obtém da leitura de Maquiavel, e a ‘ironia’ pode ser caracterizada como a categoria em que se enquadram os filósofos Maquiavélicos. Creio que a palavra ‘ironia’ não é propriamente encontrada na obra de Maquiavel, no entanto, ironia política é de fato o que ele estudou com muito afeto.

A ironia é a categoria de Maquiavel ao mesmo tempo em que a tragédia é a categoria de Grócio. ‘Tragédia’ implica um ponto de vista fora do drama político, no qual experimentamos, por exemplo, admiração pela nobreza de Otelo, pena pelos fracos, e terror pela maldade de Iago⁷³. Traduzindo para a história, é possível admirar os principais objetivos de

Atenas ou da Liga das Nações, sentir pena pela derrota dos ideais de Lorde Cecil na questão da Etiópia, ⁷⁴ experimentar o terror da destruição de Melos⁷⁵ ou nas enormidades de Hitler e Stalin.

Admiração pela nobreza e terror da crueldade implica pontos de vista morais, enquanto pena pelos fracos e sofrimento, sugere identificação própria. Portanto, é difícil adotar uma opinião trágica sobre a política, porque a ‘política’ está relacionada a uma situação em que nós estamos envolvidos, onde ainda podemos atuar e afetar os resultados. E de qualquer maneira, é o lugar onde não conhecemos os resultados porque o drama ainda não foi terminado. Para se tornar completamente trágica, a política precisa ser uma ‘política morta’ – a história, como a tragédia de Atenas e a Liga das Nações.

De tal modo, a ironia é de fato o esqueleto da tragédia despojada da sua moral e da sua roupagem transcendental. Na literatura ela é o empenamento de uma opinião em decorrência de seu contexto. Uma personagem possui um significado a partir de uma fala, mas para nós, tendo em conta o contexto e os desfechos que a personagem não sabe, percebemos suas falas com um sentido diferente. Como no passeio arranjado por MacBeth para Banquo ser assassinado, onde ele disse genialmente: “Não deixe de vir a nossa festa – Milorde, eu não irei.” ⁷⁶

Isto é uma ironia aos moldes de Sófocles entre outras mais complexas que existem. A ironia pode ser entendida na política quando homens de estado perseguem finais e depois recuam sobre eles, indo para o lado oposto. Hugh R. Wilson na obra *Diplomat between Wars*, afirma que a política norte-americana era de ‘enorme importância’ para a Liga das Nações durante a crise na Manchúria, ⁷⁷ o que torna irônico o receio norte-americano de compromisso e envolvimento, no entanto, ao se recusar a qualquer empenho naquele momento, a política norte-americana se viu envolvida e tornou o próprio envolvimento na luta contra Japão ainda mais acentuado.

É igualmente irônico que a Grã-Bretanha e a França tenham entrado na guerra em 1939 para restaurar a balança de poderes na Europa, destruindo o Nazismo Alemão e se unindo a União Soviética para este propósito. O irônico nisso tudo é que o desfecho da guerra resultou em uma Europa ainda mais desbalanceada pelo poder de Stalin como tinha acontecido com Hitler.

Em seu livro *The Irony of American History*, Reinhold Niebuhr coloca “a necessidade de utilizar a ameaça de destruição atômica como um instrumento para a preservação da paz... (como) um elemento trágico em nossa situação contemporânea.” ⁷⁸

Isso não é trágico, mas unicamente irônico. Não é trágico porque nós estamos envolvidos nesta situação e não podemos nos separar deste problema. Uma visão trágica necessariamente possui um movimento, ou um ritmo: em primeiro lugar um ponto de vista externo ao drama – distanciado, e então uma proteção própria no drama – uma identificação. E por último, o descobrimento da relevância universal do drama, o reconhecimento de possuir uma verdade sobre toda a humanidade, incluindo nós mesmos. Isto é a purificação, o reconhecimento próprio que acaba por trazer um profundo entendimento da espécie humana.

74. Cf. F. P. Walters, *A History of the League of Nations* (London: RIIA and Oxford University Press, 1952), vol. II, pp. 648ff.

75. Nota da edição em português: Aqui a referência do autor é ao Diálogo Meliano, uma passagem da obra de Tucídides sobre a *Guerra do Peloponeso* (*History of the Peloponnesian War*).

76. William Shakespeare, *Macbeth*, Ato 3 Cena 1.

77. Hugh R. Wilson, *Diplomat between Wars* (London: Longmans, Green & Co., 1941), p. 260.

78. Reinhold Niebuhr, *The Irony of American History* (London: Nisbet & Co. Ltd, 1952), prefácio, pp. ix-x.

79. Discurso de Lorde Robert Cecil: “A Liga está morta, longa vida às Nações Unidas”. Durante a última Assembleia da Liga no Palácio das Nações, Genebra, Abril de 1946. Cf. Walters, *A History of the League of Nations*, vol. II, p. 815.

Nós admiramos a compaixão de Édipo, de Otelo, ou de Lorde Cecil e dos homens da Liga das Nações⁷⁹, porque nós nos identificamos nas pessoas deles, reconhecemo-nos neles. No entanto, não existe este movimento de trágico entendimento em relação a nossa situação contemporânea. A única emoção que podemos sentir sobre a ameaça de destruição atômica como um instrumento para a paz é pena de nós próprios, o que não é uma emoção trágica. Entre todas as emoções é notoriamente a mais impura e não purificante, exatamente o oposto do reconhecimento próprio como parte da humanidade. Niebuhr, um Maquiavélico cristão (veja o Anexo I) em seu livro *Irony of American History* (1952), falsifica a relação entre ironia e a tragédia, mostrando a falta de habilidade Maquiavélica para entender a natureza da tragédia.

Se um conhecedor da ironia na vida política é solenemente deslumbrado com o assunto, se ele fala sobre a ironia trágica, ele pode ser caracterizado como um Maquiavélico ‘fraco’ – um cristão. Se ele é fascinado e intelectualmente interessado por isso, ele é caracterizado como um Maquiavélico central, assim como o próprio mestre. Mas se ele se diverte com a ironia da vida política ele é um Maquiavélico extremista, um cínico, um homem que aprecia os sofrimentos e as dificuldades dos outros.

Maquiavélicos não entendem a natureza da tragédia da mesma forma. Grocianos são incapazes de entender a estrutura ou a textura da ironia, a qual possui uma série de vertentes.

A primeira delas é a respeito da ironia ser um mero acidente. César Bórgia tomou várias precauções antes da morte de Alexandre VI: ele exterminou seus inimigos na medida do possível, conquistou a nobreza de Roma, conquistou o Colégio dos Cardeais⁸⁰ e começou a adquirir um poder territorial autossuficiente (que ele não chegou a conquistar completamente).

Ele pode também ter produzido o novo Papa, ou ao menos vetado um Papa não satisfatório para o contexto. Maquiavel recorda: “No dia que Julio II foi eleito, ele me contou que tinha pensado em tudo que poderia acontecer no acontecimento da morte de seu pai, e havia encontrado a solução para tudo, exceto que ele não havia previsto que, ao acontecer a morte de seu pai, ele próprio estaria a ponto de morrer.”⁸¹

Igualmente neste século ocorreu uma incerteza na posse do vice-presidente dos Estados Unidos, quando Truman foi escolhido no lugar de Wallace em 1944⁸², bem como, a doença não esperada de [Robert Anthony] Eden, no auge da Guerra de Suez no ano de 1956.

Outra vertente da ironia histórica é a múltipla ou a cumulativa causalidade para um único resultado. Desta forma, existem muitos equívocos na política de Luis XII na Itália, uma vez que ele destruiu as pequenas forças, engrandeceu um grande poder – o papado, e atraiu uma potência estrangeira – a Espanha. Ainda, ele próprio não se instalou na Itália e nem colonizou o território, além disso, enfraqueceu o povo de Veneza. “Qualquer efeito pode acontecer devido à pluralidade de causas”, registra Maquiavel, “de maneira que, se qualquer uma destas causas faltarem, o efeito não acontecerá.”⁸³

A colocação acima é verdadeira? Existem muitas causas para o acontecimento da Primeira Guerra Mundial: o nacionalismo dos Eslavos

80. Nota da edição em português: Também conhecido contemporaneamente como Sacro Colégio Pontifício.

81. *The Prince*, cap. VII, Ev. pp. 61-62, Burd pp. 226-227.

82. Nota da edição em inglês: Cf. Roy Jenkins, *Truman* (London: Collins, 1986), p. 62; Richard Lawrence Miller, *Truman: The Rise to Power* (New York: McGraw-Hill Book Co., 1986), pp. 383-384; e William E. Pemberton, *Harry S. Truman* (Boston: Twayne Publishers, 1989), pp. 33-34.

83. *The Discourses*, intro. IX, axioma VII, vol. I, p. 98.

do Sul, o militarismo Austríaco, a rivalidade Russo-Austríaca nos Bálcãs, o desejo francês de recuperar a Alsácia-Lorena, assim como, a rivalidade naval Anglo-Germânica. Talvez se alguma destas causas não tivesse ocorrido, uma guerra mundial poderia não ter acontecido.

Uma terceira via [da ironia] é a causalidade única capaz de formar resultados opostos, ou o paradoxo. Os seguidores das ideias Marxistas são simpáticos a esta vertente: a burguesia criou simultaneamente uma economia mundial única e a extrema anarquia internacional. A Guerra dos Sete Anos deu o Canadá para a Grã-Bretanha, retirou a urgência da defesa das Treze Colônias, no entanto, produziu uma situação para a existência de um exército permanente no território e aumentou o problema constitucional dos impostos, o que acabou por resultar na revolução e na independência [dos Estados Unidos].

A perseguição aos Judeus por Hitler ajudou à formação do estado de Israel, bem como, resultou no predomínio do realismo e do pensamento geopolítico nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, e na proeza Soviética na pesquisa e desenvolvimento no campo militar – resultados que não eram as intenções de Hitler.

Uma quarta linha de pensamento sobre a ironia é a auto frustração, ou o fracasso. Os homens ao perseguirem um resultado acabam por produzir outros. Assim, observou Maquiavel na obra *O Príncipe*: a invasão francesa na Itália produziu a grandeza da Igreja e a ascensão da Espanha, assim como, a ruína italiana pode igualmente ser atribuída a estes fatos.⁸⁴ O mesmo argumento serve para o Japão, que ao tentar conquistar a China, fez muito para torná-la a grande potência do Oriente, ao invés do próprio Japão.⁸⁵

Ainda, uma quinta vertente na ironia histórica é que a mesma política em diferentes circunstâncias irá produzir efeitos diferentes.⁸⁶

Por último, a sexta linha de pensamento é que políticas contrárias em diferentes circunstâncias podem produzir o mesmo efeito. Este argumento é discutido em um sentido divertido e sem intenção na obra *Discursos* (livro III), quando Maquiavel discute o que seria mais eficaz, se os árduos métodos ou se alguma metodologia mais suave. Ele cita exemplos onde humanidade, bondade, decência comum e generosidade pagaram os dividendos da política, mencionando o caso em que Fabrício rejeitou a proposta para oferecer veneno à Pirro.⁸⁷

Apesar disso, Aníbal obteve fama e vitória por métodos exatamente opostos: crueldade, violência, rapinagem e traição, o que confundiu e fascinou Maquiavel: “Portanto, eu concluo que não importa realmente como um general se comporte, desde que sua eficiência seja tão grande que compense a maneira como ele age, independente se é desta ou daquela maneira... em ambos os modos existem defeitos e perigos, a menos que estes sejam corrigidos por uma notável eficiência.”⁸⁸

Duas doutrinas estão implícitas nesta passagem formando o princípio central do pensamento de Maquiavel. O princípio inicial é denominado ‘virtù’, que pode ser tecnicamente chamado de virtuosismo – ‘eficiência’ na citação acima – com amplos limites de lealdade ao estado ou a um líder. A palavra é derivada do Latim ‘virtus’, o caráter apropriado para ‘vir’.⁸⁹

84. *The Prince*, cap. III, Ev. p. 27, Burd p. 199.

85. Nota da edição em inglês: A intervenção Anglo-Francesa na guerra de Suez em 1956 é um grande exemplo deste tipo de ironia, assim como muitos outros. Com a intenção de destruir o nacionalismo Árabe de Nasser, a intervenção acabou por fortificar enormemente esta ideologia.

86. Nota da edição em inglês: Martin Wight não registrou em seus manuscritos exemplos sobre esta vertente, deixando um espaço em branco nas suas anotações. Contudo, podemos mais uma vez citar o malfadado caso de Suez, contrastando os efeitos da intervenção de [William Ewart] Gladstone no Egito em 1882 com a de [Robert Anthony] Eden em 1956.

87. Cf. *The Discourses*, livro III, disc. 20, vol. I, p. 524.

Nota da edição em português: Pirro (318–272 a.C.) rei de Épiro e da Macedônia foi um dos principais opositores a Roma em seu tempo. Caio Fabrício Luscino, foi um político e militar da República romana, que após a derrota dos romanos ao rei Pirro de Épiro na batalha de Heracleia, negociou a paz com Pirro.

88. *Ibid.*, livro III, disc. 21, vol. I, pp. 525, 527.

89. Nota da edição em inglês: Na língua inglesa a ideia talvez seja mais bem expressa no poema de Kipling chamado ‘If’ [em português ‘Se’] – com sua última linha conclusiva. Em seus conselhos para um jovem aspirante a homem, seus sábios assessores mundanos defendem a sua ousadia ao invés da cautela, assim o poema exalta o espírito Maquiavélico de ‘virtù’.

Nota da edição em português: Em relação à palavra ‘vir’ em Latim, como citada na explicação de Wight, ela possui a tradução de ‘homem’ para o português.

90. *The Discourses*, livro III, disc. 2, vol. I, pp. 464-465; veja também livro II, disc. 23, p. 425, e vol. II, p. 129.

91. Nota da edição em inglês: Durante a Guerra de Suez, [Robert Anthony] Eden consultou Montgomery, que mais tarde recontou a ocasião em uma entrevista de um canal de televisão da seguinte forma: Montgomery – “Primeiro-Ministro. O que você está tentando fazer?” Eden – “Derrubar Nasser.” Montgomery – “Então você precisa ir para o Cairo. Esqueça o Canal e consiga Cairo!” Isto é uma ilustração das recomendações de Maquiavel. Os objetivos de Eden eram Maquiavélicos, mas seus instintos era Grocianos, como convinha a um político liberal do ocidente. Os instintos de Montgomery eram diretamente Maquiavélicos.

92. *The Prince*, cap. VII, Ev. p. 54, Burd p. 213.

Nota da edição em inglês: Para Shakespeare, “alguns nascem grandes, alguns conseguem grandeza, e a alguns a grandeza lhes é imposta.” (Twelfth Night, Ato 2, Cena 5).

93. *The Prince*, cap. XXI, Ev. p. 181, Burd p. 344-345.

94. *The Discourses*, livro I, disc. 6, vol. I, p. 255.

95. *The Prince*, cap. XXV, Ev. p. 203, Burd p. 358.

96. A. J. Taylor, *Bismarck: The Man and Statesman* (London: Hamish Hamilton, 1955), pp. 70, 115.

Nota da edição em inglês: Existe um exemplo mais recente vindo da Alemanha, disse Hitler, em um discurso em Munique em março de 1936: “Eu vou com a certeza de um sonâmbulo ao longo do caminho traçado para mim pela Providência”. Cf. Ian Kershaw, *Hitler* (London: Allen Lane, The Penguin Press, 1998), vol. I, p. 591.

O próprio Wight chamou a atenção para isso em seu ensaio ‘Germany’ em *The World in March 1939*, observando que aquilo era “talvez a mais terrível sentença que ele [Hitler] já proferiu, expressando a ameaça de um passo irresistivelmente revolucionário, que era propriamente uma das causas da desmoralização em seus adversários.

Martin Wight, ‘Germany’, in Arnold Toynbee and Frank T. Ashton-Gwatkin, eds., *The World in March 1939* (London: Oxford University Press, 1952), p. 347. Para a referência citada: Hitler, *Discursos* (N. H. Baines, ed.)ii, I307.

Uma marca da expressão ‘virtù’ e da eficiência política é não seguir o caminho do meio. Repetidamente em *Discursos* Maquiavel escreve: “Indubitavelmente o meio termo seria o melhor, se fosse possível a sua adoção. Como, porém, eu estou convencido que este meio termo é impraticável...” é melhor não estar comprometido inteiramente com um príncipe nem fazer guerra abertamente a ele.⁹⁰

A Guerra de Suez é um bom exemplo de um meio termo mal escolhido. Um julgamento Maquiavélico deste fato seria que a escolha de um caminho intermediário era tudo o que estava errado com esta situação. Existe uma tendência Maquiavélica a favor do extremismo e da crueldade, da ação firme e decisiva, ao passo que a tendência Grociana neste caso seria a favor da moderação.⁹¹

O segundo princípio de Maquiavel é ‘fortuna’. Existem duas formas de ascensão para se tornar um príncipe, disse Maquiavel – através da habilidade ou através de um favor ou sorte (*per virtù o per fortuna*).⁹²

‘Fortuna’ expressa à ideia que a causalidade na complexidade política é tão grande que acaba por ofuscar o cálculo completo, e assim, somente as probabilidades podem ser calculadas. Como Maquiavel registrou em *O Príncipe*: “Nunca deixe que qualquer Governo imagine que possa escolher cursos perfeitamente seguros; preferencialmente deixe que ele tenha expectativas de ter muitas dúvidas nestes caminhos, porque isto é provado em assuntos comuns, que nunca se procura evitar problemas sem correr em direção a outro problema.”⁹³

E novamente na obra *Discursos*:

...em todos os assuntos humanos se nota, quando se examina de perto, que é impossível remover uma inconveniência sem o aparecimento de outra... Por isso em todas as discussões se deve considerar qual alternativa envolve menos inconveniências e se deve adotar esta alternativa como o melhor caminho, porque nunca se encontra um assunto que é claro e que não seja passível de questionamentos.⁹⁴

No capítulo XXV de *O Príncipe* Maquiavel registra que às vezes, tendo em consideração as resoluções políticas de seu tempo, é tentado a acreditar que os assuntos humanos estão além do controle do homem, e ainda, tende a acreditar que estas questões são conduzidas somente por Deus ou por sorte: “Apesar disso, para não extinguir nossa liberdade de escolha, eu acho que na verdade a fortuna é o árbitro da metade das nossas ações, no entanto, ela ainda nos deixa conduzir a outra metade, ou talvez, pouco menos que isso.”⁹⁵

Isto expressa uma experiência universal da política, embora com uma curiosa estimativa quantitativa sobre o papel da decisão dentro da estrutura das necessidades. Fortuna pode ser descrita como um rio inundado, destruindo tudo, no entanto, diques e barreiras podem ser levantados contra ele. Como A. J. Taylor cita o próprio Bismarck na biografia dele: “O homem não pode criar a corrente de eventos. Ele pode apenas flutuar nela e se conduzir,” e igualmente: “um estadista não pode criar nada sozinho. Ele deve esperar até escutar os passos de Deus ressonando através dos eventos, e então saltar e agarrar a ponta do manto dele.”⁹⁶

“Eu acredito” disse Maquiavel em *O Príncipe* “que nós obtemos sucesso quando nossos caminhos são adequados ao tempo e às circunstân-

cias, e ainda, que nós não obtemos sucesso quando estas condições não são estabelecidas.”⁹⁷ Também, esta ideia de ‘fortuna’ pode ser verificada no comentário de Napoleão: “Eu quero Marechais com sorte.”

Para Maquiavel a chave para o sucesso oportunista é cultivar a capacidade de julgamento dos eventos, estar preparado, não esperando que as coisas sempre sejam favoráveis. E ser ousado, não tendo medo no momento de uma ação decisiva.⁹⁸

Então o que é ‘fortuna’, a deusa pagã Τύχη, ‘sorte’? Para Maquiavel significava o casual, o incalculável, ou o acidente nos assuntos humanos.

Anexo I

As Três Tradições no Cristianismo

Maquiavélicos	Grocianos	Kantianos
São Paulo	São Pedro = Marcos Tomismo	São João
Santo Agostinho		Joaquinismo IV
O estado existe porque os homens são maus Compelle intrare I		Franciscanos Espirituais
Nominalistas	Neo-Escolásticos	Calvino
Lutero II	Hooker	Puritanismo
Niebuhr III		Quakers
Erastianismo		Evangélicos V

^I Nota da edição em inglês: “Obriga-os a entrar” uma frase retirada de Lucas xiv.23 e usada como um ditado por Santo Agostinho para justificar o recurso da coerção das autoridades cristãs (igreja ou estado) para aqueles em erro, confusão ou dúvida. A partir da queda, o homem está moralmente inválido e precisa de um remédio amargo.

^{II} Luteranismo é equivalente ao Maquiavelismo no Cristianismo.

^{III} Niebuhr é um Maquiavélico Cristão.

Nota da edição em inglês: Com uma base Luterana

^{IV} São Joaquim (1145 – 1202) foi um místico italiano que proclamou o reino do Espírito Santo.

^V Nota da edição em inglês: Intensa Atividade Missionária Evangélica de origem Americana na antiga União Soviética, especialmente na Rússia, lar da histórica Igreja Ortodoxa por mais de mil anos; deve ser entendida como uma religião contrarrevolucionária.

97. *The Prince*, cap. XXV, Ev. p. 205, Burd p. 360. Veja também *The Discourses*, livro III, disc. 9, vol. I, p. 496.

98. Nota da edição em inglês: Wight também registrou a passagem do final do capítulo XXV de *O Príncipe* na qual a submissão da ‘fortuna’ para aqueles que procuram dominá-la é comparada ao sucesso de um agressivo cortejo masculino, praticado pelos jovens. Aqui novamente Napoleão, natural da Córsega e de ascendência Toscana, que possuía o italiano como língua materna, e que igualmente era de algum modo um compatriota de Maquiavel três séculos depois da sua existência, conseguiu exemplificar o que Maquiavel significava: todo o início de sua carreira pode ser visto como o triunfo de um brilhante e ousado oportunista, realizado no espírito revolucionário de *‘Toujours de l’audace!’*